

REVISTA

# UNIVERSO



RUMO À NOVA CIVILIZAÇÃO

UMA PUBLICAÇÃO  
DA EQUIPE JINSAI



Ano 4 ■ nº 42

JUNHO 2022

## O Museu de Belas-Artes de Hakone

completa 70 anos



### Personalidade

**Okakura Kakuzō:**  
o pintor que impulsionou as artes no Japão.



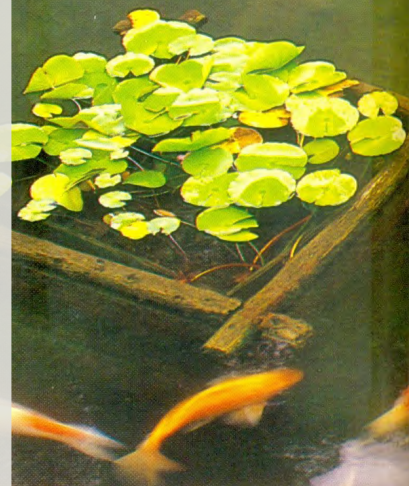
### Literatura

**O paraíso** é a terceira e última parte da Divina Comédia de Dante.



### Turismo

**Hakone** pode ser descrita como um grande e belo jardim.








Caro leitor,

Finalmente chegou o mês de junho, mês de especial importância para o Mestre Jinsai. Muitos fatos importantes ocorreram nesse mês, especialmente no dia 15, em diferentes anos. Por isso, no Mundo de Okada Jinsai, traremos um pouco sobre esses acontecimentos.

E como não poderia faltar, mais uma matéria sobre Arte, essa tão importante manifestação do gênero humano. Em breve, o mundo estará repleto de arte (muito mais do que hoje), e toda a humanidade poderá se deleitar com diferentes manifestações artísticas, vivendo uma vida plena e paradisíaca. Por isso, vamos nos preparar para a chegada desta Era, treinando e aprendendo a partir de hoje.

Participe você também da nossa Revista! Envie um e-mail para [revistauniverso@jinsai.org](mailto:revistauniverso@jinsai.org) com sua opinião, aquela foto maravilhosa que você tirou e que pode aparecer em nossa edição mensal, seu pedido ou o que você quiser! Afinal, a revista é feita para vocês, mas também por você!

**Brian De Felipo Aubert**  
Editor-chefe – Equipe Jinsai

	<a href="mailto:revistauniverso@jinsai.org">revistauniverso@jinsai.org</a>
	Perfil: /jinsai.meishu Página sobre Meishu-Sama: /MeishuSamaOficialBr Página sobre os Protótipos: /prototipodoparaiso/ Grupo de pesquisa: /pesquisassobremeishusama
	/jinsaisama
	Jinsai Sama
	Jinsai

Revista Universo é uma publicação mensal, virtual e gratuita da Equipe Jinsai que visa a ser um pequeno protótipo da revista da Nova Civilização.

Ninguém está autorizado a vender cópias, virtuais ou impressas.

Para visualizar e baixar esta edição e edições anteriores, acesse: [www.revistauniverso.jinsai.org](http://www.revistauniverso.jinsai.org)

Redação e edição final: Equipe Jinsai

Diagramação: Ana Cristina Stabelito

Copyright © 2022 (69 d.P.T.)

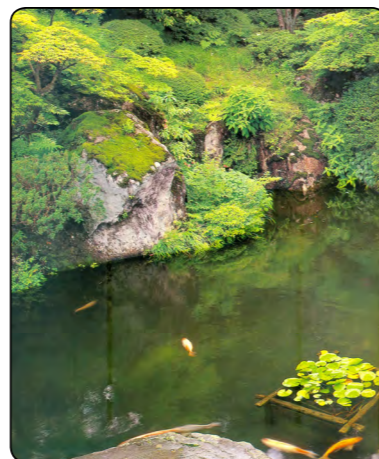


Foto capa:

**Lago de carpas no Shinsenkyo, a Terra do Mistério Divino, o Protótipo do Paraíso Terrestre de Hakone, construído pelo Mestre Jinsai**



# O mundo de Okada Jinsai

## Meishu-Sama era assim...

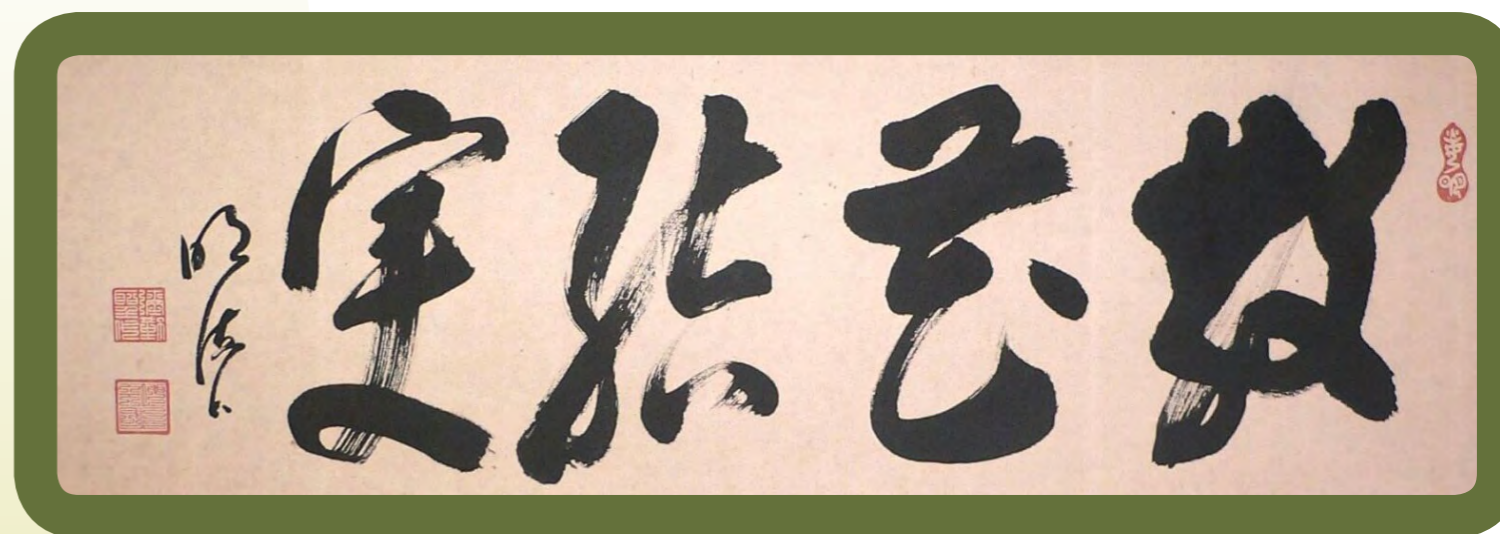
### O Mestre Jinsai atendendo aos convidados

No dia 15 de junho de 1952, foi inaugurado o Museu de Arte de Hakone.

Do dia 29 de junho ao dia 1º de julho, agora com a presença não só de ilustres personalidades do mundo político, cultural, artístico, informativo, etc., mas também de autoridades locais, o museu foi apresentado à coletividade, expondo-se o objetivo de sua instituição.

No dia 1º de julho, depois de saudar os presentes, o Mestre falou sobre o significado do museu. Fez a palestra girar em torno do aspecto cultural, não só dessa construção, mas também da construção do Solo Sagrado. Concluiu dizendo que a construção do Museu trazia uma importante ajuda para o Japão cumprir a missão que Deus lhe atribuiu, que é de ser o país divulgador da Beleza.

**Vista externa do Museu de Arte de Hakone na época de sua inauguração**



***Sanka Ketsujitsu –***

As flores caem e os frutos se formam. ◆

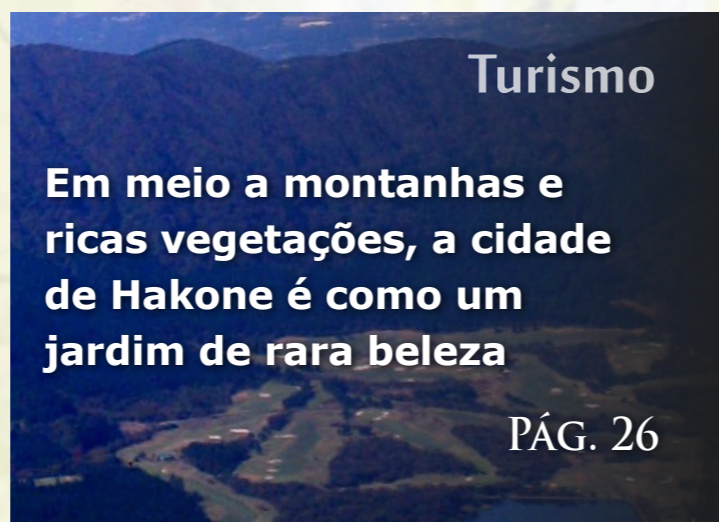
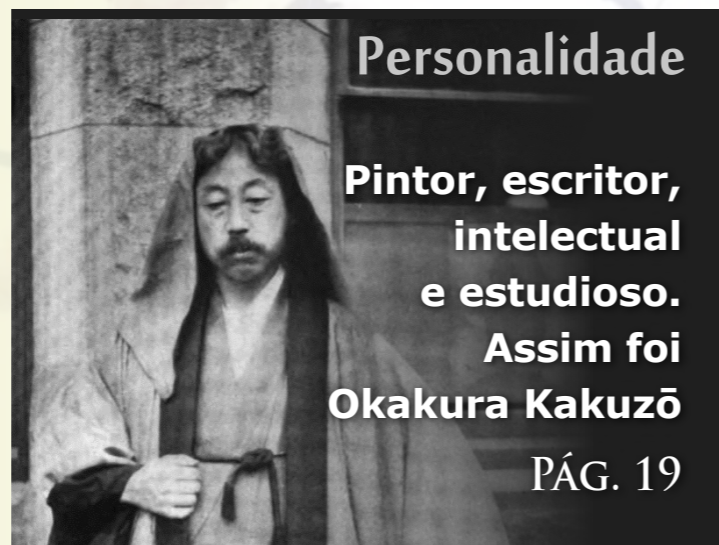
# Sumário

- 3 **O mundo de Okada Jinsai**  
Meishu-Sama era assim... 3  
Caligrafia 5

31 **Imagem do mês**

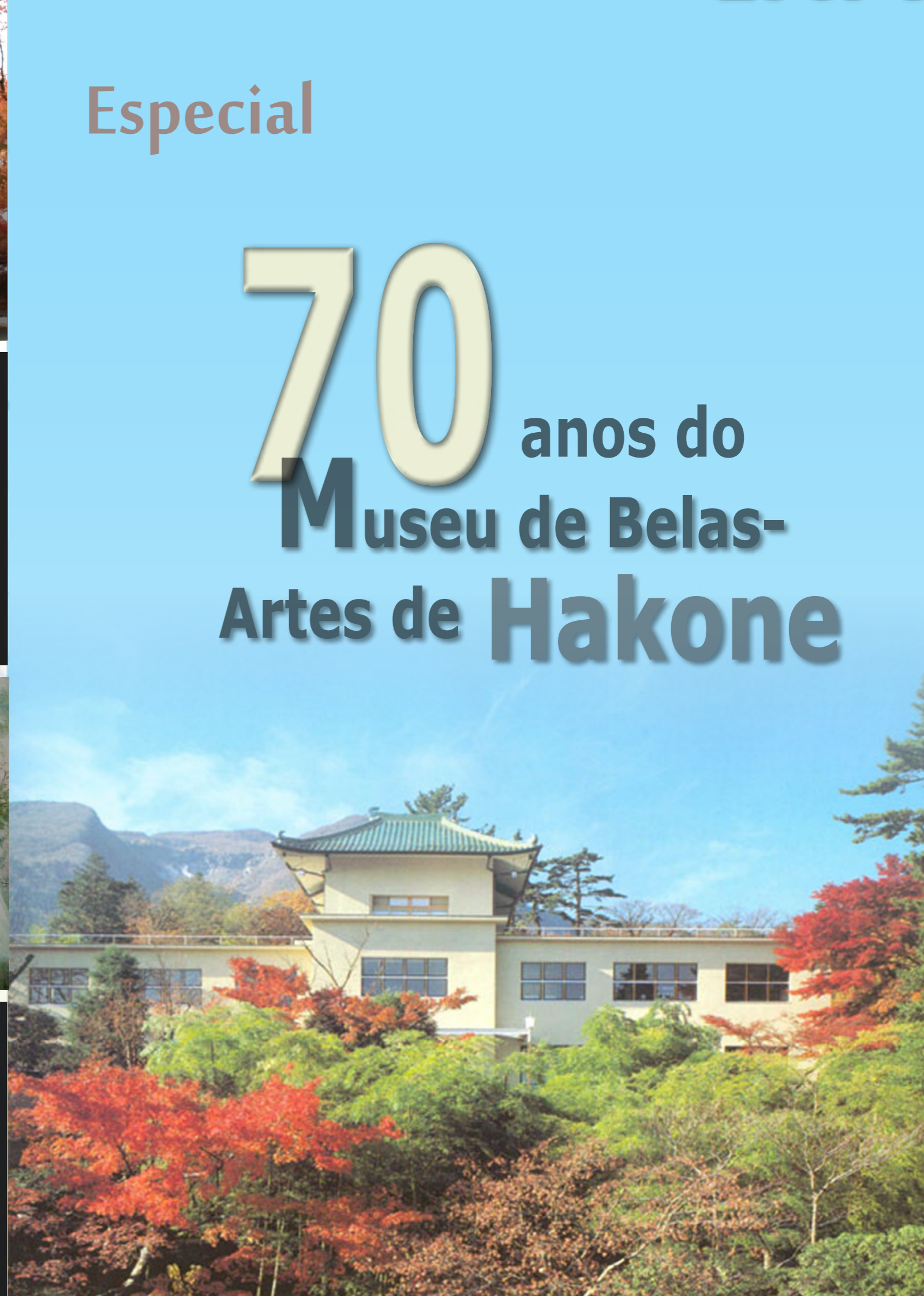
32 **Calendário de junho de 2022**

Clique na página e/ou título da matéria para ir direto à página desejada. Querendo voltar ao Sumário, basta clicar no título de abertura da página.



# Especial

# 70 anos do Museu de Belas-Artes de Hakone



## Construção

**N**a Terra do Mistério Divino, acima da Casa de Contemplação da Montanha, havia uma casinha feita de sapé, que o Mestre Jinsai denominou Tori-no-Ya (Casa dos Pássaros). Era uma das casas de aluguel que ali existiam na época do jardim japonês, tendo servido, durante alguns anos, como local de descanso dos fiéis que vinham para as entrevistas com o Mestre Jinsai. Entretanto, após a construção do Palácio da Luz do Sol, em 1948, ela já não era tão utilizada; além disso, estava muito velha. Sendo assim, ficou decidido que seria demolida. O material aproveitável foi empregado na construção da sede da Grande Igreja Taisei, situada perto da Terra Divina. Isso aconteceu no final de 1950.

A Casa dos Pássaros tinha uma área de aproximadamente 100 m<sup>2</sup>; todavia, depois que ela foi posta abaixo, o terreno ficou com uma área bem plana e ampla. O Mestre Jinsai teve, então, a ideia de construir ali um museu de Arte. A esse respeito ele escreveu mais tarde: "Com a demolição da casa, formou-se um terreno livre de 500 m<sup>2</sup> mais ou menos, e eu fiquei pensando em construir algo adequado ao lugar. De repente, me veio à cabeça a ideia da construção de um museu de Arte. O terreno era um pouco pequeno para isso, mas sua localização e o ambiente à sua volta eram excelentes.

Então, em meu íntimo, tomei a decisão de construir o museu. Ora, ainda que pequeno, um museu de Arte não se faz com pouco dinheiro, e eu não tinha previsão de obter os recursos suficientes num futuro imediato. No entanto, achando que, se pelo menos deixasse o terreno preparado, acabaria chegando o momento de poder dar início à construção, pus mãos à obra. O trabalho ficou praticamente terminado no verão de 1951. Aí, a vontade de construir logo o museu tornou-se tão intensa, que, sem esperar mais tempo, consultei Abe<sup>1</sup>] sobre a viabilidade do plano. "Se é assim, vou estudar o assunto imediatamente", disse ele. De acordo com a pesquisa feita, vimos que o plano não era tão difícil de ser concretizado, como pensávamos. Confiando em que Deus daria um jeito em tudo, iniciamos a obra em outubro daquele mesmo ano."

De acordo com o projeto do Mestre Jinsai, o museu teria dois andares; seria um prédio simples, em estilo chinês, com paredes brancas e telhado azul, tendo uma área de aproximadamente 880 m<sup>2</sup>. Haveria seis salas de exposição, sendo três no térreo e três no primeiro andar; no segundo, seriam construídos dois cômodos em estilo japonês, um de 24,30 m<sup>2</sup> e outro de 9,72 m<sup>2</sup>. A construção e as instalações eram projetos do próprio Mestre Jinsai.

Desde que teve início, em outubro, a construção avançou com uma rapidez incrível; nos meados de novembro, os

alicerces e a estrutura já estavam prontos. Em dezembro, iniciou-se a concretagem do piso dos dois pavimentos; no primeiro, o trabalho foi feito em vinte e quatro horas ininterruptas. Entre os fiéis que vieram de todo o país para dedicar na construção do museu, escolheram-se, logicamente, os homens mais fortes, mas, graças ao poder da fé, puderam ser executados até mesmo os trabalhos que, pelo senso comum, pareciam impossíveis, surpreendendo inclusive aqueles que o executaram.

Concluída a parte externa, teve início o revestimento interno, em março de 1952.

No mês de outubro, como acontecia todos os anos, o Mestre Jinsai fora para Atami. Entretanto, várias vezes por mês pegava um carro e ia à Terra Divina inspecionar a obra. Seus passos eram bem leves. Às vezes ele parava e dava instruções minuciosas. Quando, por exemplo, iam começar a construir a entrada das salas de exposição, falou: "Na planta ela está muito larga. Que tal estreitá-la um pouco?" Imediatamente foi montado um caixilho de madeira na medida prevista. O Mestre Jinsai mandou que o colocassem no lugar da entrada; experimentou entrar e sair, para definir a medida exata. O mesmo aconteceu com o telhado. Ele estudou bastante para lhe definir a curvatura e a cor. Depois de observar as telhas de diversas casas, escolheu a cor do seu agrado e mandou confeccioná-las através de um pedido especial.

O Mestre Jinsai dispensou todo o cuidado às salas japonesas do segundo andar,

que seriam utilizadas como salas de visitas. Na porta do lado leste, que dá à montanha da letra Dai ("Grande"), foi colocada, entre a veneziana e o vidro, uma armação corrediça, de madeira e papel, para dar um toque mais suave ao ambiente. Ela foi estudada através de vários modelos, elaborados com o objetivo de se observar a espessura das linhas da porta e o espaço entre estas, de modo que a armação se harmonizasse com todo o cômodo. O Mestre Jinsai determinou, ainda, que o teto fosse quadrangular, de paulóvnia; que as portas tivessem motivos de xadrez dourado e prateado; que fossem plantados pequenos pés de bambu na parte leste da sala e que, por entre as folhas dos bambus, se pudesse avistar a montanha acima referida. Enfim, ele se preocupou com cada recanto. As linhas desenhadas pelo próprio Mestre Jinsai, no trecho da parede acima da porta, simbolizam nuvens auspiciosas; mais tarde, o desenho foi utilizado na cortina do Templo Messiânico.

A dedicada inspeção do Mestre Jinsai impulsionava o andamento da obra. Além disso, vendo sua postura em relação aos futuros visitantes e sua preocupação com os mínimos detalhes, os dedicantes aprenderam a sinceridade que se deve ter para com a Obra Divina e assim, solidificaram sua fé. Quando ele percorria as obras, todos paravam o trabalho para cumprimentá-lo. O Mestre Jinsai respondia ao cumprimento levantando um pouco o chapéu e fazendo uma leve reverência. Às vezes, para desfazer a tensão dos fiéis, perguntava-lhes carinhosamente: "De onde você veio?" "Até

1 Secretário do Mestre Jinsai na época em que foi construído o Museu de Arte de Hakone.



Salas japonesas do segundo andar do Museu de Arte de Hakone



quando irá ficar?" etc. Eram palavras simples, sem qualquer exibicionismo ou ostentação. Devido ao nervosismo, os fiéis geralmente davam respostas trêmulas, às cegas, suando pelo corpo inteiro, mas depois sentiam o grande amor do Mestre e ficavam profundamente emocionados.

Em 1951, quando foi anunciada a limitação da construção de prédios grandes, determinada por regulamento baixado pelo Quartel General das Tropas de Ocupação, todos se puseram a trabalhar como loucos. Isto porque só os prédios que já tivessem recebido cobertura até o dia estipulado pelo regulamento estariam a salvo. Então, para que o telhado ficasse pronto até essa data, por diversas vezes a concretagem se prolongou noite adentro, no período de novembro a dezembro, contando-se, inclusive, com a participação dos dedicantes encarregados da cozinha, que se ofereceram voluntariamente para carregar pedras e areia. Se já era pesado executar o trabalho durante o dia, continuá-lo à noite era desgastante. Mas Deus correspondeu a essa sincera dedicação de todos. Na montanha, especialmente quando o céu está limpo, as noites de inverno são muito rigorosas; nos dias, porém, em que o trabalho se prolongava pela madrugada, o céu cobria-se de nuvens e a temperatura tornava-se mais amena. Sentindo na pele a proteção de Deus, os dedicantes trabalhavam com alegria, por verem a Obra Divina se desenvolver passo a passo.

Em maio de 1952, quando o Mestre Jinsai se mudou de Atami para Hakone,

o museu já estava noventa por cento concluído. Sua figura simples e clara destacava-se entre o verde da primavera, diante do Monte Soun. Diariamente o Mestre Jinsai ia até lá e, sem se importar com os estilhaços de madeira espalhados por todos os cantos, percorria a obra examinando tudo cuidadosamente. Desde que se iniciara a construção do museu, ele passara a falar cada vez mais, durante as entrevistas com os fiéis, sobre assuntos relacionados às belas-artes, repetindo frases como estas: "O Museu de Arte de Hakone é o Palácio do Belo que irá apresentar a arte do Japão ao mundo. Quando ele estiver pronto, tornar-se-á conhecido também no exterior e provavelmente muitos estrangeiros virão visitá-lo."

Numa época em que nem mesmo o governo pôde evitar o êxodo de um grande número de obras-primas da arte japonesa para o exterior, tendo-se limitado a observar em silêncio, o grandioso plano do Mestre Jinsai protegeu antecipadamente as artes tradicionais do país, colocando muitas dessas obras ao alcance do povo e divulgando o verdadeiro valor da cultura japonesa dentro e fora do Japão. Dessa forma, ele abriu os olhos dos fiéis, que até então demonstravam pouco interesse pelas belas-artes.

A respeito do significado do Museu de Arte de Hakone dentro da Obra Divina, o Mestre Jinsai disse: "Ele também é um modelo da Obra Divina. É um símbolo do Paraíso Terrestre. Com o término dessa construção, estará concluído o protótipo do Paraíso Terrestre de Hakone e, com o passar do tempo, se proces-

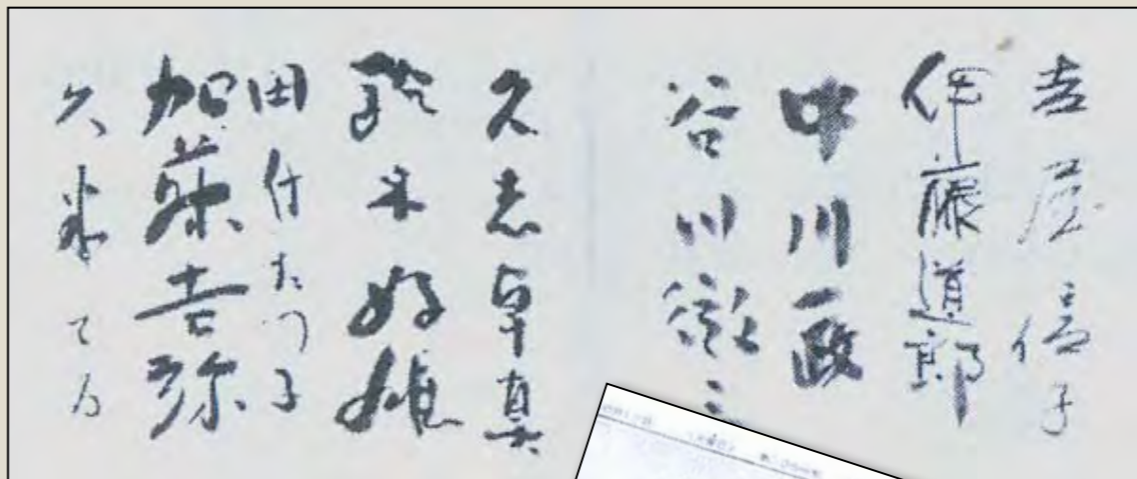
sará o desenvolvimento da construção do Paraíso em escala mundial." Cada vez que ouviam palavras como essas, os fiéis tornavam-se mais conscientes de que estavam tendo permissão de participar da mais elevada Obra Divina, e seus corações se enchiam de orgulho e alegria.

Às pessoas que deram uma contribuição destacada para a construção do Museu de Arte de Hakone, o Mestre Jinsai ofereceu quadros com caligrafias suas, feitas especialmente para recompensar o trabalho por elas executado. Esses quadros, mais de trinta, eram escritos em sentido vertical, numa linha apenas, sendo próprios para salas de cerimônia de chá. Ele costumava fazer caligrafias com uma rapidez incrível; dessa vez, entretanto, escolheu, uma a uma, letras diferentes, e levou tempo para escrevê-las.

## Inauguração

Concluído o prédio, no dia 10 de junho de 1952, começaram a ser instaladas as vitrines; no dia 11, teve início a disposição das obras que seriam expostas. Nesse período, o Mestre Jinsai passava o dia todo no museu, ordenando as peças e dirigindo o preparo da exposição. Tomava cuidado até com o lugar onde ficaria o cartão contendo explicações sobre o objeto. Nessa oportunidade, ele também contou com a ajuda de vários comerciantes de obras de arte. À medi-

**À direita, os nomes de pessoas convidadas para a inauguração do museu assinados na lista de presença e, abaixo, está o convite para a inauguração do Museu de Arte de Hakone. O Mestre Jinsai se apresenta como diretor do museu.**



**Na foto acima, estão os artigos noticiando a inauguração do Museu de Arte de Hakone e, à esquerda, o cartaz da exposição de ukiyo-e inaugurada no dia 1º de junho de 1953.**

da que os objetos iam sendo colocados em seus lugares, volta e meia um deles deparava com uma peça muito valiosa que soubera estar à venda, e, mostrando espanto, dizia: Ah, esta também veio parar aqui?!" Palavras desse gênero eram ouvidas a todo momento, e, enquanto trabalhavam, os negociantes mantinham com o Mestre Jinsai uma conversa alegre que não tinha fim.

No dia 14 de junho, véspera da inauguração do museu, o Mestre, esquecendo-se de jantar, ficou estudando cuidadosamente a disposição das peças até depois das vinte horas. Segurando-as com as duas mãos e dispendo-as com o maior zelo, atento à direção dos desenhos e à harmonia com a vitrine, ele transmitia uma imagem repleta de alegria, por finalmente ver realizar-se um sonho acalentado há longa data.

Após determinar a colocação dos objetos, o Mestre Jinsai voltou para a Casa de Contemplação da Montanha; por volta das 23 horas, entretanto, retornou ao museu, acompanhado de Yoshi. Nas vitrines, claramente iluminadas pelas lâmpadas, estavam dispostas inúmeras obras-primas colecionadas por ele. Esquecido de que a noite ia avançando, contemplou obra por obra, parecendo conversar com elas. Quando acabou de percorrer todas as salas, já era quase uma hora da madrugada. Pela maneira como o Mestre Jinsai olhava e tornava a olhar para trás e ao seu redor, ao deixar o museu, até mesmo os funcionários que ali se encontravam sentiram o quanto ele estava contente por vê-lo concluído e como ansiava pela sua inauguração.

As cerimônias comemorativas da inauguração do Museu de Arte e da conclusão do protótipo do Paraíso Terrestre de Hakone foram realizadas durante três dias, a partir de 15 de junho de 1952. Esse museu é o ponto chave da Terra Divina e sua abertura representa a conclusão da primeira etapa do protótipo do Paraíso Terrestre. Para aquele acontecimento, o Mestre Jinsai compôs dezoito poemas, entre os quais os que se seguem:

***"Não esqueça que,***

***De acordo com a Vontade Divina,***

***O País do Sol Nascente***

***Está determinado***

***Para ser o País do Belo."***

***"Para purificar***

***Este mundo cheio de impurezas,***

***Construí o Palácio do Belo***

***Nas terras puras de Hakone."***

***"Para construir um mundo***

***De perfeita Verdade, Bem e Belo,***

***Estou manifestando***

***O Poder Divino."***

As dezoito composições foram entoadas vigorosamente, em forma de salmo, pe-

los milhares de fiéis que assistiram aos Cultos, realizados nos dias 15, 16 e 17. Em todos eles o Mestre Jinsai fez uma palestra sobre o significado da conclusão do museu e sobre a Vontade de Deus encerrada nessa obra. Eram palavras radiantes e vigorosas, que mostravam o largo avanço da Obra Divina dali para a frente. Após cada Culto, os fiéis se dirigiam para o museu e, muito comovidos, apreciavam as obras expostas.

O Museu de Arte de Hakone foi aberto aos fiéis antes de ser franqueado aos convidados de fora, num cuidado inexprimível através de palavras. Consciente de que ele fora concluído graças à sinceridade dos fiéis, que procuraram corresponder à sua vontade, o Mestre Jinsai quis compartilhar sua alegria primeiramente com eles, para lhes louvar o mérito. Duas semanas depois, do dia 29 de junho ao dia 1º de julho, agora com a presença não só de ilustres personalidades do mundo político, cultural, artístico, informativo etc., mas também de autoridades locais, o museu foi apresentado à coletividade, expondo-se o objetivo de sua instituição.

Para a solenidade do dia 29, foram convidadas inúmeras personalidades de Hakone, Atami e Odawara, e pessoas ligadas à Federação Japonesa de Religiões e à Associação das Novas Entidades Religiosas Japonesas. O dia 30 foi reservado para pessoas ligadas à Arte e representantes da imprensa. Estavam presentes os escritores Kawabata Yassunari, Takami Jun, Niwa Fumio e Yoshiya Nobuko, o calígrafo Onoe Saishu, o escultor Hiragushi Dentyu, o artesão

de maki-e Matsuda Gonroku, os pintores Takabatake Tatsushiro, Fukushima Shiguetaro, Kawabata Ryushi e Nakagawa Kazumassa, o arquiteto Yoshida Isoya, o instrumentista de shamisen Kineya Eizo, o mestre de dança Ito Mitio, o apresentador de programas radiofônicos Tokugawa Mussei, o diretor do Departamento Cultural da Universidade Hossei (posteriormente reitor da mesma Universidade) e o crítico de Arte Tanigawa Tetsuzo. Da imprensa, assistiram à cerimônia, entre outros, Sasaki Mossaku, presidente da revista Bunguei Shunju; Hirose, redator-chefe do Jornal Mainiti; Nishikawa, redator-chefe do jornal Tokyo Hibi, e Nakayama, redator-chefe do Jornal Fotográfico Sun. Além dessas pessoas, estiveram presentes alguns membros da Comissão Especial de Avaliação do Patrimônio Cultural e também Matsuda Kojiro, presidente da Loja Haku Botan e amigo íntimo do Mestre Jinsai desde a época em que este era empresário.

Para o dia 1º de julho foram convidados diplomatas estrangeiros atuantes no Japão e mais algumas personalidades do mundo das belas-artes. Compareceram elementos da Embaixada da França e da Itália, alguns membros da Associação de Arte Oriental e do Museu Histórico Nacional, o deputado federal Dan Ino e também Takada Koin, representante de Hashimoto Gyoin, bonzo-chefe do Templo Yakushi-ji, cargo este ocupado, atualmente, por Takada.

No convite que enviou a essas pessoas, o Mestre Jinsai apresentou-se como diretor do museu. Tokugawa Mussei, um

dos convidados, disse que, ao ver escrito no convite "Okada Mokiti - diretor do Museu de Arte" e não "Líder Espiritual da Sekai Meshiya Kyo" ou "Senhor da Luz", sentiu que o coração do Mestre Jinsai era puro como o de um menino, e que ele estava plenamente satisfeito com aquela designação.

No dia 1º de julho, depois de saudar os presentes, o Mestre falou sobre o significado do museu. Fez a palestra girar em torno do aspecto cultural não só dessa construção, mas também da construção do Solo Sagrado. Começou dizendo que a Religião, como se pode ver pela História Universal, é a mãe da Arte, e que o seu objetivo original é construir um mundo belo, além de verdadeiro e bom. Acrescentou que a missão do Japão é contribuir para a formação de uma cultura elevada, deleitando os povos de todo o mundo através do Belo. Para concluir, o Mestre Jinsai explicou que construiu os pequenos paraísos do Belo, em Hakone e Atami, com a intenção de concretizar o objetivo original da Religião, trazendo, assim, uma importante ajuda para o Japão cumprir a missão que Deus lhe atribuiu.

De fato, o Museu de Arte de Hakone foi construído com o propósito de liberar as obras de arte, que, desde os tempos antigos, eram propriedade exclusiva das classes dominantes. Esse propósito do Mestre Jinsai, baseado na firme crença de que a apreciação de tais obras elevaria a espiritualidade do povo, foi elogiado pelo escritor Nagayo Yoshiro. Respondendo à saudação do Mestre como representante dos convidados, Nagayo disse que ficou



Vista externa do  
Museu de Hakone



muito impressionado com a magnífica ideia que ele tivera de colocar o Belo ao alcance do povo e com a sua extraordinária capacidade de ação.

Nesse dia, o próprio Mestre Jinsai serviu de ciclerone e, valendo-se de tudo aquilo

que aprendera durante longos anos, deu explicações pormenorizadas sobre cada obra. Os visitantes, que entendiam muito de belas-artes, ficaram surpresos com a profundidade dos seus conhecimentos e com a sua aguçada sensibilidade, ex-

pressa através da apreensão da essência das obras expostas. Essas explicações estavam baseadas no sentimento do Mestre Jinsai, o qual não se cansava de admirar o Belo, **e na emoção que este lhe fazia afluir natural-**

**mente. Sua alegria e seu entusiasmo irradiavam-se por todo o museu, e as pessoas passaram um dia alegre, concentradas na Arte.**



## Fatos importantes para a Obra Divina ocorridos no dia **15 de junho**

**1931** – Revelação sobre a Transição da Era da Noite para a Era do Dia no Mundo Espiritual;

**1934** – Assentamento do Deus Amaterasu Sume Oomikami no Santuário Hieda

**1935** – Foi editado o primeiro número da Revista Kenko ("Saúde"), constituído da "Saudação da Editora" e do artigo "A construção de um Japão saudável", onde Meishu-Sama usa o pseudônimo "Jinsai".

**1950** – Meishu-Sama alcança o estado de união com Deus (shinjingoitsu).

**1951** – Durante a cerimônia de inauguração das ampliações do Nikkoden, em Hakone, Meishu-Sama comemorou, pela primeira vez, o 15 de junho, pois, da parte de Deus, havia uma razão especial para isso: daquela data em diante, o "Dia" estava começando a raiar no Mundo Material também;

**1952** – Abertura do Museu de Arte de Hakone, que representou a conclusão da 1ª etapa do Shinsen-kyo, a Terra do Mistério Divino, o Protótipo do Paraíso Terrestre de Hakone;

**1953** – Culto Comemorativo da Conclusão do Paraíso Terrestre de Hakone,

**1954** – Cerimônia de Comemoração Provisória da Vinda do Messias, em Atami, onde Ele passou a ser chamado de Meshiya-Sama (Sr. Messias). ◆

# Personalidade



**Okakura Kakuzō**

**O** *Okakura Kakuzō*  
(岡倉 覚三 – *Yokohama*,  
14 de fevereiro de  
1862 – 2 de setembro de 1913)  
(também conhecido como  
岡倉 天心 *Okakura Tenshin*)  
foi um pintor, escritor,  
intelectual e estudioso  
japonês das artes, com  
grandes contribuições para  
o desenvolvimento das  
artes no Japão. Fora do país  
é principalmente lembrado  
como o autor de *O Livro do  
Chá*.

## Vida pessoal

Nascido em Yokohama, em 14 de fevereiro de 1862, seus pais eram originalmente de Fukui. Seu pai era um respeitado comerciante de seda em Fukui. Okakura aprendeu inglês enquanto estudava em uma escola missionária cristã, dirigida por Dr. Curtis Hepburn. Aos 15 anos, ingressou na Universidade de Tóquio, onde conheceu o professor de Harvard, Ernest Fenollosa, de quem foi aluno. Em 1886, foi indicado como diretor de música do Ministério da Educação, posição

onde não ficou muito tempo. Em 1889, co-fundou o jornal *Kokka* (國華).

Em 1887, foi um dos principais fundadores da Escola de Arte de Tóquio (東京美術学校 – *Tōkyō Bijutsu Gakkō*), tornando-se seu diretor um ano depois. Posteriormente, fundaria também o Instituto de Arte do Japão, junto de Hashimoto Gahō e Yokoyama Taikan. Foi convidado por William Sturgis Bigelow para visitar e conhecer o Museu de Artes de Boston, em 1904, tornando-se o primeiro diretor da divisão de arte asiática, em 1910.

## Obras

Sendo um urbanista sensível e de percepção internacional, Okakura tornaria-se o primeiro decano, no Período Meiji, da Escola de Artes de Tóquio, posteriormente fundida com a Escola de Música, para formar a atual Universidade de Artes de Tóquio. Todos os seus principais trabalhos foram escritos em inglês. Estudou as artes tradicionais do Japão e viajou para a Europa, Estados Unidos, China e Índia. Okakura enfatizava a importância da arte oriental para o mundo ocidental, tentando trazer sua influência para a arte e literatura que, na época, eram em parte dominadas pela cultura ocidental.

Seu livro de 1903 sobre a história cultural e artística asiática, "Os Ideais do Oriente com Especial Referência à Arte do Japão", foi publicado às vésperas da Guerra Russo-Japonesa, e é famoso por seu parágrafo de abertura captar a es-

sência espiritual da Ásia, que se distingue fundamentalmente do Ocidente:

"A Ásia é única. O Himalaia divide, apenas para acentuar, duas grandes civilizações: a chinesa, do comunismo e de Confúcio, e a indiana, com o individualismo dos Vedas. Mas nem mesmo as barreiras nevadas podem interromper por um momento aquela ampla extensão de amor pelo Último e Universal, que é a herança comum de pensamento de toda raça asiática, permitindo-lhes produzir todas as grandes religiões do mundo e distingui-las dos povos marítimos do Mediterrâneo e do Báltico, que adoram se debruçar sobre o Particular e procurar os significados, não o objetivo, da vida."

Seu livro seguinte, *O Despertar do Japão*, publicado em 1904, argumenta que "a glória do ocidente é a humilhação da Ásia". Este livro foi um dos primeiros a defender o Pan-Asianismo, que é uma ideologia que promove a união de todos os povos do continente asiático. Okakura também aponta que a rápida modernização do Japão não foi comemorada por toda a Ásia, alegando que o povo japonês quis tanto se identificar com a civilização europeia que seus vizinhos os consideravam como renegados, incorporando o "desastre branco".

Junto de Ernest Fenollosa, Okakura é celebrado por salvar a *Nihonga*, pintura tradicional japonesa, que corria o risco de ser substituída pela *Yōga*, um estilo ocidental, defendido por Kuroda Seiki. Hoje acredita-se que não havia uma séria ameaça à pintura tradicional japonesa, porém sabe-se que Okakura foi de extrema importância para a modernização



da estética japonesa, tendo reconhecido a necessidade de preservar a herança cultural do Japão e, portanto, foi um dos principais reformadores durante o período de modernização do Japão, começando com a Restauração Meiji.

Fora do Japão, Okakura influenciou, direta ou indiretamente, muitos artistas, incluindo Swami Vivekananda, o filósofo Martin Heidegger, o poeta Ezra Pound e Rabindranath Tagore, a pintora impressionista Lilla Cabot Perry e a patrocinadora das artes, Isabella Stewart Gardner, de quem era amigo pessoal, tendo organizado várias cerimônias do chá em sua residência, em Boston.

Ao visitar a família em Tóquio, em 1913, Okakura ficou doente, provavelmente de gripe, e morreu em 12 de setembro do mesmo ano. ◆



Empíreo de Gustave Doré: Dante olha em direção ao Paraíso.

## O paraíso de Dante

**P**araíso (italiano para "Paraíso" ou "Céu") é a terceira e última parte da Divina Comédia de Dante. É uma alegoria, dizendo da visão de Dante do céu, guiado por Beatriz, amor platônico de Dante. No poema, o Paraíso é retratado como um conjunto de esferas concêntricas que cercam a terra, que consiste na Lua, Mercúrio, Vênus, Sol,

Marte, Júpiter, Saturno, as estrelas fixas, o "Primum Mobile" e, finalmente, o Empírico. Foi escrito no início do século XIV.

Depois de uma ascensão inicial a partir do topo do Monte Purgatório (Canto I), Beatriz guia Dante através das nove esferas celestes do paraíso. Estas são esferas concêntricas, semelhante à cosmologia aristotélica e ptolemaica. Dante admite que a visão do céu que ele recebe é a de que seus olhos humanos o permitiram a ver. Assim, a visão do paraíso encontrado no Cantos é a visão pessoal do próprio Dante, ambígua na sua construção verdadeira. A adição de uma dimensão moral significa que uma alma que chegou a alcançar o Paraíso, ao nível que lhe é aplicável. As almas são atribuídas ao ponto do céu que se encaixa com a sua capacidade humana de amar a Deus. Assim, existe uma hierarquia celeste. Todas as partes do céu são acessíveis para a alma celeste. Isso quer dizer que toda a experiência de Deus, mas existe uma hierarquia no sentido de que algumas almas são espiritualmente mais desenvolvidas do que outras. Isso não é determinado pelo tempo ou de aprendizagem, como tal, mas, pela sua proximidade com Deus (o quanto eles se permitem experimentar Ele acima de outras coisas). Deve ser lembrado no esquema de Dante, que todas as almas no Céu estão em algum nível, sempre em contato com Deus.

Enquanto as estruturas do Inferno e do Purgatório foram baseadas em diferentes classificações de pecado, a estrutura da Paraíso é baseada nas quatro virtudes cardinais e nas três virtudes teológicas.

## As Esferas do Paraíso

- A Primeira Esfera. A esfera da Lua é a de almas que foram virtuosas mas abandonaram seus votos, e assim foram insuficientes na virtude da coragem (Cantos II a V). Dante encontra Piccarda, irmã do amigo de Dante Forese Donati, que morreu pouco depois de serem separados pelo convento. Beatriz discute sobre a liberdade da vontade e da inviolabilidade dos votos sagrados.

- A Segunda Esfera. A esfera de Mercúrio é das almas que fizeram bom uso de seus desejos de fama, mas que, sendo ambiciosos, foram insuficientes em virtude da justiça (Cantos V a VII). Justiniano reconta a história do Império Romano. Beatriz explica a Dante a reparação de Cristo pelos pecados da humanidade.

- A Terceira Esfera. A esfera de Vênus é das almas que fizeram bons usos do amor, mas foram insuficientes na virtude da temperança (Cantos VIII e IX). Dante encontra Carlos Martel de Anjou, que condena aqueles que adotam vocações inadequadas e Cunizza da Romano. Folquet de Marselha aponta para Raabe, a alma entre as mais brilhantes desta esfera, e condena a cidade de Florença por produzir a "flor maldita" (o florim), que é responsável pela corrupção da Igreja.

- A Quarta esfera. A esfera do Sol é das almas dos sábios, que personificam a prudência (Cantos X a XIV). Dante é guiado por São Tomás de Aquino, um dominicano, que narra a vida de São Francisco de Assis e lamenta a degradação de sua própria Ordem dos Pregadores. Dante passa então a ser atendido por São

Boaventura, um franciscano, que narra a vida de São Domingos e lamenta a corrupção da Ordem Franciscana. As duas ordens não foram sempre amigáveis na terra e ao retratar um membro de uma ordem elogiando o fundador da outra e lamentando o destino de sua própria mostra aos outros o amor presente no céu. Alberto Magno, Pedro Lombardo e Siger de Brabante estão entre os incluídos.

- A Quinta Esfera. A esfera de Marte é formado pelas almas que lutaram pelo o cristianismo e que encarnam a coragem (Cantos XIV a XVIII). As almas desta esfera formam uma enorme cruz. Dante fala com a alma do seu antepassado, Cacciaguida, que elogia as virtudes do ex-moradores de Florença, narra a ascensão e queda de famílias florentinas e anuncia o exílio de Dante de Florença, antes de finalmente introduzir algumas almas guerreiras notáveis (entre eles Josué, Rolando, Carlos Magno e Godofredo de Bulhão).

- A Sexta Esfera. A esfera de Júpiter é o de almas que personificaram a justiça, algo de grande interesse para Dante (Cantos XIX a XX). As almas aqui anunciam em latim: "Amem a justiça, vós que julgais a terra", e depois arranjam-se na forma de uma águia imperial. Aqui presentes estão David, Ezequias, Trajano (que teria se convertido ao cristianismo de acordo com uma lenda medieval), Constantino, Guilherme II da Sicília, e - Dante é surpreendido com isso - Rifeu de Troia, um pagão salvo pela misericórdia de Deus.

- A Sétima Esfera. A esfera de Saturno é a dos contemplativos, que personifi-



**Dante e Beatriz, nas margens do Letes – Cristóbal Rojas, 1989**

cam a temperança (Cantos XXI e XXII). Dante encontra aqui Pedro Damião e discute com ele o monaquismo, a doutrina da predestinação e o triste estado da Igreja. Beatriz, que representa a teologia, torna-se cada vez mais adorável aqui, indicando a revelação mais próxima dos contemplativos sobre a verdade de Deus.

- A Oitava esfera. A esfera das estrelas fixas é da Igreja triunfante (Cantos XXII a XXVII). Aqui, Dante tem visões de Cristo e da Virgem Maria. Ele é testado em sua fé por São Pedro, em sua esperança por São Tiago e em amor por São João Evangelista.

- A Nona Esfera. O Primum Mobile ("Primeira esfera a ser movida"), a última esfera do universo físico. Ela é movida diretamente por Deus e seu movimento provoca o movimento de todas as demais esferas que ela encompassa (Canto XXVII).

- O Empíreo. A partir do Primum Mobile, Dante ascende a uma região, além da existência física, o chamado Empíreo (Cantos XXX através XXXIII). Aqui as almas de todos os crentes formam as pétalas de uma enorme rosa. Aqui, Beatriz deixa Dante com São Bernardo, porque a teologia terá atingido os seus limites. São Bernardo reza a Maria

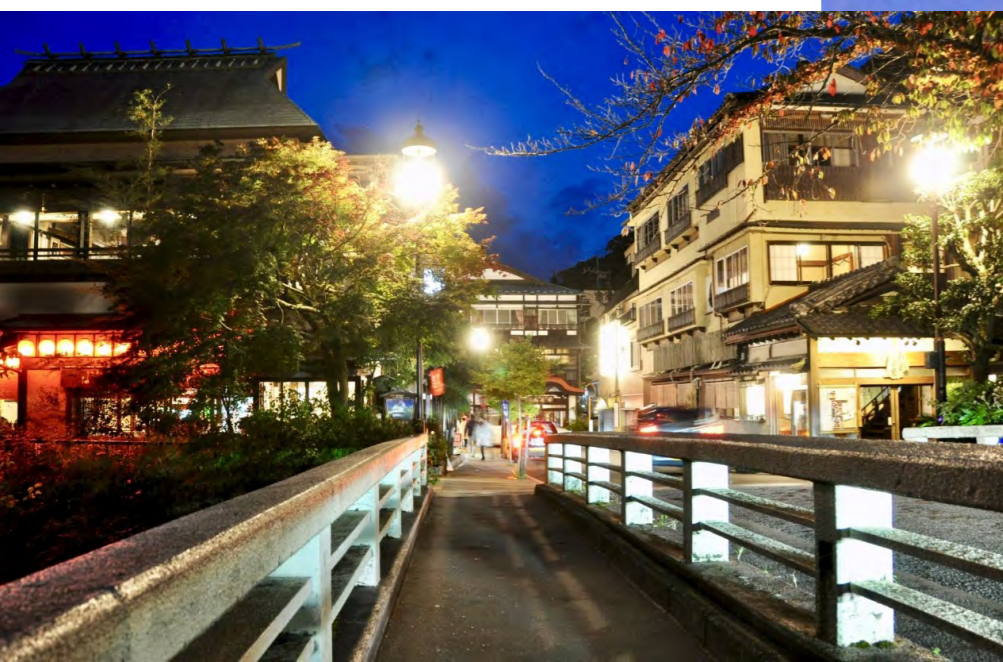
nome de Dante. Finalmente, Dante fica de frente com o próprio Deus e lhe é concedida a compreensão das naturezas Divina e Humana. Sua visão está além da compreensão humana. O Senhor Deus aparece como três círculos que representam o Pai, o Filho e o Espírito Santo com a essência de cada Pessoa do Altíssimo, mas distintas e em unidade entre si - as três Pessoas da Santíssima Trindade. O livro termina com Dante tentando compreender como os círculos se encaixam, como o Filho é separado, mas ainda uno com o Pai, mas, como o próprio Dante coloca, este "não é um vôo para as minhas asas". ◆

**Turismo**

**Hakone,  
a cidade vulcânica**

Rodeada por ondulantes montanhas, rica em vegetações e esplêndida beleza, como um jardim em miniatura, Hakone é, como Atami, o resultado da atividade vulcânica. Hakone se encontra nos limites das províncias de Kanagawa e Shizuoka e situa-se no centro do Parque Nacional Fuji-Hakone-Izu.

No passado, suas montanhas eram temidas como "montanhas inconquistáveis". A história conta que o Shogunato Tokugawa, aproveitando-se dessa barreira natural, estabeleceu um posto de controle da população à beira do lago Ashinoko, utilizando-o como um importante meio de defesa da capital de Edo.



**Na foto acima, a Estação de Yumoto, em Hakone, e, à direita, o Monte Fuji visto do Monte Kami, no Parque Nacional Fuji-Hakone-Izu.**



Próximo ao Santuário Gongen de Hakone, está a fonte de águas termais Ashinoyu, a mais antiga, com poderes de cura. No período Edo, muitos escritores e dramaturgos, como Kam no Mabuchi e Motoori Norinaga, visitavam com frequência o Toko-an-In, ali situado, em busca de cura e descanso. Na época Meiji, foram construídas estradas de conexão com a cidade de Tokyo, tornando mais fácil e rápido o acesso às regiões Tokyo, Yokohama. Hakone se tornou famosa não só como terra de águas termais, mas também como um lugar de veraneio, razão pela qual foram construídas numerosas vilas. Toda a área se converteu numa zona turística, onde vários grandes grupos financeiros têm empreendido diversos projetos de desenvolvimento. Nos anos posteriores à Segunda Guerra Mundial foi iniciada a construção de estradas, instalações de cabos aéreos e bondinhos.

Hakone é formada por uma cratera vulcânica, e rodeada por montanhas como Myojo-ga-take, Myojin-ga-take, Kintokiyama e Kurakakeyama. A cratera tem um diâmetro de onze quilômetros em direção ao norte e sul, na parte mais ampla, e de oito quilômetros de diâmetro ao leste e oeste.

Os rios Hayakawa e Sukumogawa correm na borda interior da cratera das montanhas de Hakone, formando vales intransponíveis. O pico principal da cadeia de montanhas é Kamiyama, com 1.438 metros, seguida dos montes Sounzan, Futagoyama e outras.

Além do famoso lago chamado Ashinoko, há também dispersas fontes de águas termais, criadas graças à atividade vulcânica.

A exemplo do Monte Fuji, Kamiyama tem sido objeto de rituais de adorações, desde o período Heian (794 – 1185). Seu nome significa literalmente "Montanha Divina", e ela é coberta por um espesso bosque que se reflete nas águas do lago Ashinoko, produzindo uma bela visão, que corresponde ao seu misterioso nome. Também é conhecida como um virtual tesouro de plantas, pois na área próxima ao cume encontra-se uma grande variedade de espécies, tais como o *Tsusiophyllum Tanakae*. ◆



imagem do mês



**Museu de Hakone, no Shinsen-kyo, a Terra do Mistério Divino, o Protótipo do Paraíso Terrestre de Hakone**

REVISTA  
**UNIVERSO**

*Você tem um produto ou serviço e quer anunciar em nossa revista?*

Então entre em contato com [revistauniverso@jinsai.org](mailto:revistauniverso@jinsai.org) e coloque "Anúncio" no assunto. É importante saber que vamos analisar seu anúncio para verificar se está de acordo com nossas diretrizes internas de divulgação. Caso seja aprovado, ele já aparecerá na(s) próxima(s) edição(ões).



UMA PUBLICAÇÃO  
DA EQUIPE JINSAI



69 D.P.T. (2022)



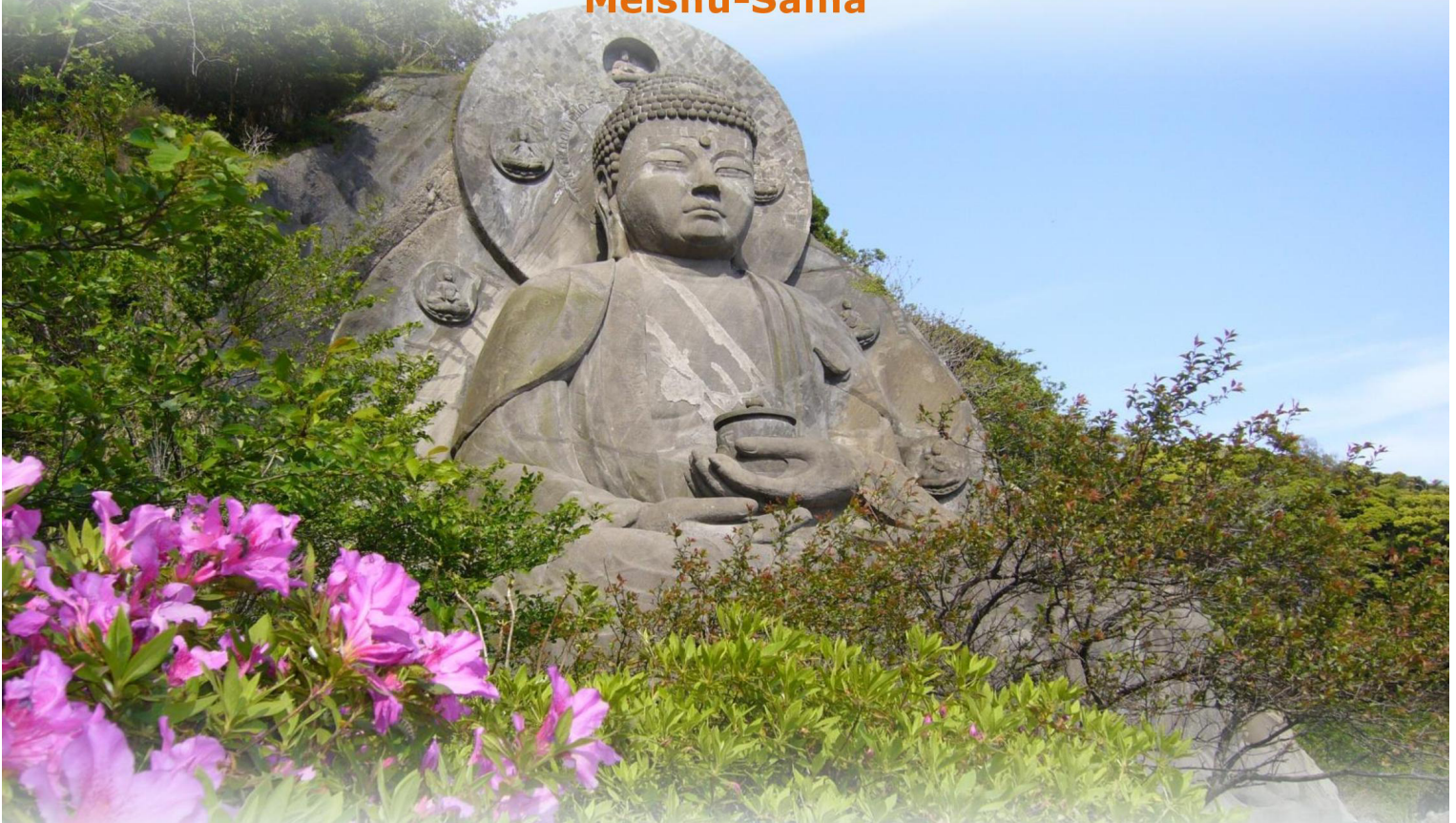
# JUNHO

“No abençoado

Dia 15 de junho de 1931

Silenciosamente, abriram-se as portas do Céu.”

Meishu-Sama



Buda no Monte Nokogiri, local da Revelação Divina da Conversão da Noite em Dia

日	月	火	水	木	金	土
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30		

15 – Revelação da Conversão da Noite em Dia, nascimento do Deus Amaterassu Ookami, inauguração do Museu de Belas-Artes de Hakone, concretização do Paraíso Terrestre

21 – Início do inverno